

PATRIMÔNIO CULTURAL DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO SUL DO BRASIL: OS CAPITÉIS COMO ESPAÇOS DE (RE)PRODUÇÃO DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE

Daniel Luciano Gevehr
Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Aline Nandi
Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

RESUMO

A pesquisa discute o processo de criação e de atualização dos capitéis (pequenos oratórios) na localidade de Boa Esperança, município de Rolante (RS). O objetivo principal do estudo é analisar o contexto em que se deram essas construções na comunidade ítalo-riograndense da Boa Esperança, bem como os diferentes significados que as imagens presentes nesses espaços apresentam na atualidade. Analisamos ainda a relação desses capitéis com as noções de identidade, religiosidade e etnicidade, presentes no contexto da *Colônia Boa Esperança*, que atualmente desenvolve um projeto turístico conhecido como *Caminho das Pipas*. Dessa forma, o estudo aprofunda a discussão sobre a dinâmica que envolve a ressignificação desses lugares, considerados sagrados pela comunidade, desde sua criação até os dias atuais.

Palavras-chave: Capitéis. Imigração Italiana. Memória e identidade.

A Problematização dos Capitéis no Contexto da Colônia Boa Esperança

Tendo como ponto de partida a história da imigração italiana no Rio Grande do Sul e a dinâmica que envolve a circulação de ideias nessas áreas, pretendemos, nesse estudo, analisar o processo que envolveu a criação dos capitéis – pequenos oratórios – pelos moradores de uma Colônia de origem italiana, que é a *Colônia Boa Esperança* – localizada no município de Rolante (RS) no período de 1945 a 1960.

O município de Rolante está localizado a 76 km de Porto Alegre e faz parte da Região Metropolitana. A Colônia Boa Esperança encontra-se no interior desse município e distingue-se das demais colônias de imigrantes da região pelo fato de ter sido colonizado por imigrantes italianos, numa região típica de colonização alemã.

Buscamos através dessa análise, compreender as relações que se estabelecem entre os moradores dessa comunidade – constituída inicialmente de imigrantes italianos e de seus descendentes – e os capitéis. Para tanto, nos preocupamos em investigar o

processo histórico que envolveu essas construções, sua função social na comunidade e os elementos de caráter religioso e identitário presentes nesses oratórios.

Como forma de atingir os objetivos deste estudo, buscou-se, a partir do mapa turístico do município, visitar, fotografar e conhecer de forma mais aprofundada as características dos quatro capitéis existentes na *Boa Esperança*. A inserção do lugar nos permitiu, sem dúvida, melhor compreender a relação que essa comunidade estabelece com os capitéis, considerados espaços sagrados de devoção que guardam parte das memórias daqueles que ajudaram a construir a *Colônia Italiana* de Rolante.

Os capitéis foram construídos pela segunda geração dos imigrantes italianos que colonizaram a localidade, e pode ser compreendido como parte do patrimônio cultural e religioso da localidade de Boa Esperança. Dessa forma, nos propomos a investigar a função social que tiveram estes lugares de religiosidade e as relações que se estabelecem com estes espaços pelos atuais moradores da localidade.

A pesquisa se justifica especialmente pela importância que os grupos colonizadores desempenharam na localidade e pela busca da preservação de seus elementos culturais, que foram preservados pelas diferentes gerações como forma de evidenciar suas práticas e tradições. Além da função social que estes espaços representam, apontamos a necessidade que a comunidade teve de difundir os capitéis na promoção do Turismo, o que se verifica no cuidado que os moradores têm com a manutenção destas construções.

Nossas fontes se concentram em registros fotográficos, análise bibliográfica, observação e entrevistas realizadas na própria comunidade. Diante de tal desafio, foi necessário percorrer o “Caminho das Pipas”, roteiro turístico na comunidade de *Boa Esperança* e identificar pessoas da comunidade que pudessem, a partir da oralidade, apresentar relatos sobre a construção dos capitéis, suas representações, formas de manutenção e as práticas estabelecidas nestes espaços – uma vez que atualmente os capitéis fazem parte desse roteiro turístico e passou, portanto, por um processo de ressignificação e reavaliação por parte da própria comunidade.

Com o intuito de promover alternativas de agregação de renda a produção agrícola na localidade de Boa Esperança – e minimizar o êxodo rural – em 1995 os agricultores da comunidade, em parceria com a Prefeitura Municipal de Rolante, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Emater iniciaram a elaboração do projeto *Caminho das Pipas*, como um roteiro turístico. Localizado no 4º Distrito de Rolante, o roteiro turístico é composto por nove cantinas de produção de vinho e suco colonial artesanal, além de uma casa de

massas, um restaurante e uma pousada. O roteiro agrega ainda a Cascata Três Quedas e diferentes espaços de comercialização de produtos coloniais.

Nessa perspectiva, entendemos que os *lugares* (NORA, 1993) que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da *memória coletiva* (HALBWACHS, 2004). Propusemo-nos, no caso das entrevistas, a conversar com pessoas responsáveis pela manutenção dos capitéis ou que tivessem relação com a construção e/ou história destes monumentos patrimonializados.

Partindo da noção de que a construção de monumentos, a denominação de lugares e a preocupação com a valorização e preservação de personagens do passado estão diretamente associadas a uma memória coletiva (PESAVENTO, 2002) é que pretendemos analisar o conjunto arquitetônico dos capitéis da Boa Esperança. Esses, além de sua materialidade apresentam, sem dúvida, uma simbologia e um significado próprio para aqueles que os construíram e ao mesmo tempo, são (re)atualizados no presente pelos seus descendentes, que se apropriaram dessa *herança material* deixada pelos primeiros povoadores da Colônia Italiana de Rolante.

Sabemos da verdadeira “síndrome de museus e de práticas de colecionamento” (ABREU; CHAGAS, 2009, p.15) que estamos vivenciando nas últimas décadas. Isso se deve, em grande parte ao processo de “desmapeamento do indivíduo” (Ibidem, p.15), que em razão da globalização e da ideia de uma certa massificação cultural, tem impulsionado as buscas pelas anterioridades, ou seja, pelas coisas do passado. É, portanto, nesse contexto no qual se cruzam a memória e o patrimônio (CHOAY, 2001), que constatamos essa busca pelo passado, que passa a ser contato através dos vestígios deixados pelas gerações passadas. Rememorar os capitéis da comunidade, compreendendo esses espaços como lugares de memória e como materializações simbólicas de sua religiosidade, nos fazem refletir sobre os processos identitários que esse exercício da memória e da patrimonialização na comunidade produz nos próprios indivíduos da comunidade.

Ainda, de acordo com os estudos realizados por Mário Chagas (2009), o imaginário social, produzido por esses indivíduos – como é o caso da Boa Esperança – devem ser compreendidos como algo complexo, processual e dinâmico. Para ele, esse imaginário que dá significado e eleger – muitas vezes – o patrimônio de uma comunidade, está diretamente ligado a um processo de “sutilezas, reentrâncias e saliências, dobras e ondulações, e não está dado de maneira definitiva.” (CHAGAS, 2009, p.159). Ao contrário, segundo o autor, o que antes não se dava importância, hoje se coloca em evidência.

Esse processo que envolve a memória, o imaginário e o patrimônio de uma comunidade nos leva à problematização do caso que envolve a Colônia Italiana de Rolante, na qual operam esses mesmos três elementos.

Os Capitéis da Colônia Boa Esperança como Patrimônio da Comunidade

Foram construídos ao todo quatro capitéis na localidade de Boa Esperança. A construção desses capitéis teve início em 1945, com a segunda geração dos descendentes de imigrantes italianos, e estendeu-se até a década de 1960, quando se ergueu o último capitel. Construída logo no início da colonização, a comunidade contava com uma igreja, construída em madeira, e que prestava homenagem à Nossa Senhora do Caravaggio.

A igreja em alvenaria foi construída após a melhor estruturação financeira e organização social das famílias da localidade. Tal data foi celebrada com uma intensa programação religiosa e festiva na comunidade, contanto inclusive com a presença do Bispo da Diocese, fator de extrema importância para a comunidade.

No período de construção dos capitéis, a comunidade já contava com uma igreja em honra a Nossa Senhora do Caravaggio, construída em madeira logo no início da colonização. A igreja em alvenaria veio a ser construída após a melhor estruturação financeira e organização social das famílias da localidade. A igreja foi transformada em paróquia que completou 70 anos no mês de maio de 2014. “A primeira igreja de madeira foi construída pelos marceneiros do local – Finger e Basei. De alvenaria, foi construída a Casa Canônica para residência do padre vigário.” (SHIEROLT, 2004, p.45).

Para celebrar as festividades de aniversário da paróquia foi organizada uma intensa programação religiosa e festiva, com reza de terços, celebrações do tríduo e uma grande missa que contou com a presença e celebração do Bispo da Diocese de Novo Hamburgo, Dom Zeno Hastenteufel.

Em processo de preparação para a festividade de aniversário da paróquia, no salão da comunidade dezenas de mulheres reuniram-se um final de semana antes da festividade, dividindo funções na produção dos *agnoline* - ingrediente de um dos principais pratos da culinária local- a sopa. Ainda no salão da igreja alguns homens encontraram-se para o jogo de carta, conciliando o espaço de preparação da festa e a espera pelo desempenho das atividades de suas esposas com o encontro de amigos e a partilha de histórias. Neste espaço de preparação da festa realizamos nossa principal etapa de coleta de dados sobre a

origem da construção dos capitéis, fatores que motivaram estas construções, usos destes espaços e suas representações.

A fabricação coletiva do *agnoline* – que nos remete a ideia do trabalho coletivo – é uma tradição na comunidade e tal responsabilidade é das mulheres. A tradição dos encontros e a forma de fabricação artesanal é passada de geração em geração, netas, mães e avós compartilham saberes, relembram fatos do passado e mantem viva à tradição da construção coletiva da festividade. Segundo Schierholt (2004, p. 44) “a sopa de *agnolini* é uma tradição recente na Comunidade. Foi trazido da região de Caxias do Sul. O preparo do *agnolini* exige mais trabalho e paciência, pois é feito manualmente.”

Ainda segundo o autor, serve-se a sopa, antes do churrasco, galeto e pão com salada nas festividades locais. Esse elemento nos mostra um verdadeiro hibridismo cultural (CANCLINI, 2013), na medida em que vários pratos típicos se misturam, demonstrando o encontro de diversas tradições culinárias, como aquela trazida pelos imigrantes italianos e aquela herdada da culinária gaúcha, como o churrasco. Este fazer conjunto é realizado anualmente no mês de junho em preparação a festa da padroeira, filhas e netas que não moram na localidade costumam estar no final de semana que antecede a festa na casa de seus familiares na Boa Esperança, a fim de participar deste momento.

Tendo a religião como principal forma de integração da comunidade o núcleo central da colônia é caracterizado pela presença da Igreja Matriz sendo esta a única igreja da localidade. “Contam até hoje com apenas uma igreja, a católica, demonstrando que a religiosidade ainda é algo essencial para sua permanência e motivação na colônia.” (CAMBRUZZI e GEVEHR, 2008, p. 86).

Além da tradição religiosa, ser manifestada com festividades de modo especial a São Cristóvão e a Nossa Senhora do Caravággio, a tradição religiosa também é evidenciada através da construção dos capitéis. Estes, segundo Schierholt (2004), são oratórios, pequenas capelinhas construídas na beira da estrada, tendo suas construções motivadas por promessas dos colonos.

Os quatro capitéis da localidade foram construídos em terras particulares, à beira das estradas que ligam a região colonial, próximos ao local de moradia da família que havia feito alguma promessa. Tendo sua “graça” alcançada, logo iniciava-se a construção do espaço de oração, como forma de “pagamento” pela conquista do pedido.

Nos capitéis eram colocadas as imagens do santo de devoção da família, ao qual era destinado o pedido – promessa. A devoção aos santos é fruto da tradição familiar

passada para cada geração, tendo em vista, ainda, que as famílias italianas estabelecidas na localidade de Boa Esperança professavam a fé na Igreja Católica Apostólica Romana. Os descendentes dos imigrantes preservaram diferentes práticas e costumes religiosos trazidos da Itália e herdados de seus antepassados, agora repassados e (res)significados pelas novas gerações.

A relação existente entre as *identidades religiosas* e as *fronteiras étnicas* – como é o nosso caso – é analisada por Gisele Chagas, em seu estudo sobre a comunidade muçulmana no Rio de Janeiro (CHAGAS, 2009). A análise apresentada pela autora no permitiu melhor compreendermos o processo que envolve a produção de fronteiras étnicas e identidades religiosas, como ocorre na Colônia Boa Esperança. Nela, a etnicidade e a religiosidade aparecem como elementos diferenciadores, uma vez que a maioria dos moradores de Rolante é de origem germânica e praticante do protestantismo. Assim a identidade étnica e a religião praticada pelos moradores da Boa Esperança são traços de distinção dos demais moradores do município.

Nesse contexto, a construção dos capitéis está revestida de um universo religioso, no qual a materialização desses oratórios representava alguma “graça alcançada”, sendo compreendida pelos seus criadores como a “prova da força dos santos” e “uma forma de manifestação divina.” Vale lembrar que esses imigrantes vinham de um contexto no qual na Itália, cada vila tinha seu santo padroeiro, venerado não tanto como modelo cristão de virtudes, mas principalmente como *protetor mágico* que auxiliava nos momentos de necessidades ou nas adversidades. (FOCHESATTO, 1977)

Tornam-se evidentes os traços identitários presentes nesses pequenos oratórios dispostos à margem das estradas que cortam a Colônia Italiana de Rolante. Se por um lado esses espaços permitem a rememoração do passado dos seus primeiros imigrantes – e por consequência a necessidade de reafirmar sua identidade étnica ligada aos imigrantes italianos – por outro lado eles permitem a reafirmação de sua religiosidade, ligada às tradições da Igreja Católica. Esses dois elementos conjugados, *etnia e religião*, caracterizam fortemente a identidade da comunidade da Boa Esperança.

Nessa perspectiva de análise, os capitéis embora tenham suas histórias de construção relativamente semelhantes, apresentam particularidades, tendo em vista que cada um deles faz referência e devoção a um santo diferente e, principalmente, um *episódio* que motivou sua construção e justifica sua lembrança pelas gerações seguintes.

A produção da lembrança, no contexto das comunidades étnicas, é discutida por Paulo Guérios, que particulariza essa questão através de seu estudo sobre a os imigrantes ucranianos (GUÉRIOS, 2008), em que a etnicidade e a religiosidade constituem os elementos centrais da identidade do grupo. Já o estudo de Giralda Seyferth, que problematiza essa mesma questão, mas que tem como recorte espacial os imigrantes alemães em Blumenau (SC) nos permitiu melhor compreender a dinâmica de produção de identidades étnicas em áreas de colonização no sul do Brasil (SEYFERTH, 2011). Esses mesmos elementos se fazem presente na Colônia Boa Esperança.

Antes de continuarmos com a caracterização dos capitéis da Boa Esperança, precisamos conhecer melhor o cenário em que esse Patrimônio Cultural da comunidade se insere. A dinâmica que envolve a colonização das terras e o processo de organização política e social dessa comunidade nos permite melhor compreender como os oratórios construídos na margem das estradas da colônia representam aspectos da identidade étnica de seus moradores, ao mesmo tempo em que procuram *manter viva uma memória dos antepassados*. (BOSI, 1994)

Os Capitéis: Texto e Contexto de Produção da Memória da Comunidade

Na segunda metade do século XIX deu-se início ao processo de ocupação de Rolante pelos imigrantes europeus. Parte da economia regional concentrava-se na leva de gados do Rio Grande do Sul até São Paulo, e foi dessa forma que moradores da região passaram a utilizar o caminho que tinha início em Viamão, passando por Rolante e seguindo até o território paulista. Os conhecidos tropeiros tinham Rolante em seu roteiro.

Mas foi em 1882 que chegaram em Rolante os primeiros colonizadores vindos das colônias velhas de imigração italiana no Rio Grande do Sul (como Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi), e que acabaram fixando moradia em Alto Rolante, atual distrito de Rolante. As terras foram cedidas por uma empresa colonizadora aos imigrantes alemães. Os ítalo-riograndenses, por sua vez, chegaram à localidade somente na primeira década do século XX.

Sobre a ocupação das terras da Boa Esperança, Schierholt (2004, p.39) aponta que “Bepim Maliverno, imigrante italiano que residia em Caxias do Sul, loteu as terras ao norte de Boa Esperança. Cel. João Augusto Linck, herdeiro do imigrante Carlos Kroeff, loteou a sede da Boa Esperança”. Para reconstruirmos o caminho percorrido pelos imigrantes vindos

das velhas colônias, Cambruzzi e Gevehr (2008, p. 84) apontam que “A viagem das colônias da serra até Boa Esperança era feita pelo rio Caí. De lá vinham a Taquara de trem e o restante do trajeto era feito a pé [...] A bagagem também era pouca, traziam alguns pertences, um pouco de alimento e muita coragem.”

Em 19 de abril de 1909, por designação do Governo da Província, Rolante passou a ser distrito. Logo passaram a chegar à localidade famílias húngaras, seguidas pelas suecas, polonesas, italianas e alemãs. Em algumas localidades estas novas famílias passam a dividir suas rotinas com os chamados “caboclos” que já estavam estabelecidos em algumas localidades. Era a lembrança da ocupação indígena, lusa e africana na região.

As casas da Colônia Boa Esperança eram simples, com poucos móveis, e construídas pelos colonos com a ajuda dos demais moradores. Construídas em meio à mata densa, possuíam porões destinados à indústria artesanal de vinhos. Sendo que este – o *vinho* – se constituiu como a principal fonte de renda dos colonos da Boa Esperança, onde a partir da derrubada do mato que servia também de matéria prima para construção das casas e galpões, o terreno limpo servia então para o plantio dos barreirais. A casa era construída em dois blocos, um onde estava à cozinha e outro com os quartos e a sala (Schierholt, 2004), em alguns casos estes dois blocos estavam separados por um corredor externo.

Pertencente originalmente a Santo Antônio da Patrulha, Rolante teve sua emancipação político-administrativa concedida em 28 de fevereiro de 1955. Atualmente o município é conhecido como a “Capital Nacional da Cuca”, e também como a terra natal do cantor tradicionalista gaúcho Teixeira.

Atualmente Rolante faz parte do *Vale do Paranhana*, na Encosta Inferior da Serra Gaúcha, e desde 2010 integra a *Região Metropolitana de Porto Alegre*, estando ainda inserido na *Reserva da Biosfera de Mata Atlântica*. De acordo com o IBGE (2014), sua população total é de 19 493 habitantes. Tendo como principais atividades econômicas a indústria, os serviços e a agricultura, Rolante apresenta grande concentração de propriedades com atividades produtivas ligadas à agricultura familiar.

A realidade do município foi se transformando e sua dinâmica de trabalho também impulsionou mudanças no trabalho desempenhado pelas famílias no meio rural. Tais dinâmicas foram alteradas também para as mulheres que passam a ocupar postos de trabalho fora da propriedade rural, além de contribuírem com alternativas de renda para as famílias. Observamos ainda a construção e formalização de agroindústrias no meio rural,

novas formas de comercialização da produção do meio rural, acesso ao crédito de forma igualitária, além das diferentes políticas de valorização das famílias da agricultura familiar.

Nesse cenário, a instituição do *Caminho das Pipas* como Roteiro Turístico, apresentou uma alternativa de renda para as famílias agricultoras familiares e acabou impulsionando a construção de agroindústrias. O cultivo de uva, trigo e milho eram as principais atividades agrícolas produzidas no município, sendo essas as principais fontes de alimentação dos italianos e seus descendentes na localidade.

A comercialização e o cultivo da uva e do vinho na comunidade de Boa Esperança estavam entre as principais fontes de renda das famílias agricultoras, aspecto que se torna visível na localidade ainda nos dias atuais.

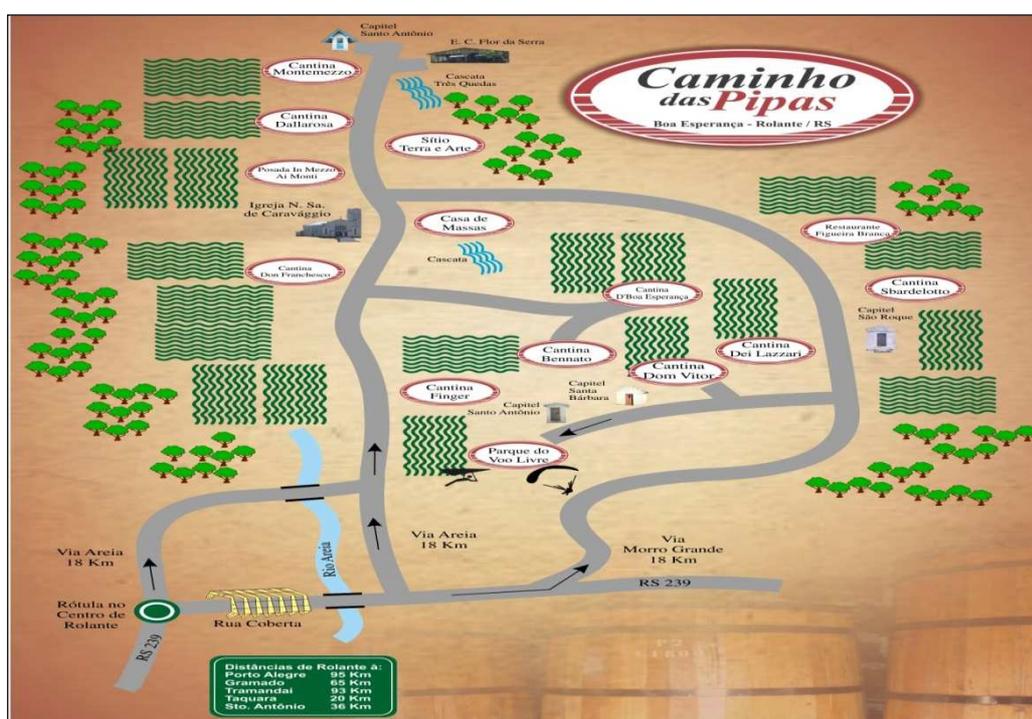
A EMATER, através de seu escritório em Rolante e em parceria com a Prefeitura Municipal e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, iniciou um trabalho de diversificação das atividades praticadas pelos agricultores familiares. Na década de 1990 surge o roteiro turístico *Caminho das Pipas*, impulsionando a geração de renda, agregando valor aos produtos locais, impulsionando a visitação de turistas nas propriedades rurais, bem como melhorias na infraestrutura das propriedades e no acesso a estas propriedades.

Através dessas ações verificou-se uma sensível diminuição do êxodo rural na Boa Esperança, que agora passava a contar com a perspectiva de novas atividades nas quais mulheres e jovens também participavam ativamente. O roteiro possui sua “marca”, sendo que todos os empreendimentos estão identificados com placas ao longo do roteiro, além de pipas de vinho que identificam as entradas das cantinas.

Atualmente a Boa Esperança tem aproximadamente 80 famílias que residem ou possuem casas de “final de semana”, agregando assim uma economia promissora. Além das atividades agrícolas desenvolvidas na comunidade como forma de geração de renda para as famílias através da comercialização do milho, farinha, uva, vinho e demais insumos, a comunidade conta com três madeireiras e diversas agroindústrias ligadas principalmente a produção de vinho e sucos. A maior parte da produção de vinho das famílias da localidade são comercializados diretamente na propriedade aos turistas, sendo que o montante chega a até 70 % o restante da produção fica para consumo próprio comercialização no mercado interno local. Enquanto que algumas famílias conquistam ainda novos mercados consumidos com a venda para outros estados o Brasil, através da internet ou ainda em feiras e eventos.

As agroindústrias de vinhos e sucos, que compõe o roteiro do *Caminho das Pipas*, são *Cantina Montemezzo*, *Cantina Dalarosa*, *Cantina Don Franchesco*, *Cantina Finger*, *Cantina Bennato*, *Cantina Dom Vitor*, *Cantina Dei Lazzari* e *Cantina Sbardelotto*. Tais empreendimentos assim como os demais espaços turísticos da localidade estão representados no mapa turístico do *Caminho das Pipas*.

Figura 1- Mapa Turístico Caminho das Pipas



Fonte: Prefeitura Municipal de Rolante

Passadas quase duas décadas da instituição do roteiro turístico *Caminho das Pipas*, uma série de atrativos foram agregados ao seu circuito, aproveitando as construções, monumentos e aspectos da cultura local e os traços étnicos que caracterizam a localidade, para fomentar o turismo e potencializar ainda a reafirmação da identidade da população local, descendente de italianos.

Além da preservação dos monumentos através da organização comunitária a comunidade busca através de registros fotográficos, preservar a história dos antepassados e dos fatos sociais representativos da comunidade. Uma exposição fotográfica está colocada no salão comunitário com fotos e identificação das primeiras famílias que se

estabeleceram na *Colônia Boa Esperança*, além de fotos dos descendentes dos primeiros colonos que realizam algum tipo de evento festivo social como Bodas de Prata e Ouro.

A exposição esta disposta sobre as paredes do balcão de vendas de bebidas e alimentos- copa- do salão da igreja local. São dezenas de fotos em portas retratos com a identificação das famílias e o ano em que estas fotos foram tiradas. Nesta amostra é possível perceber o jeito simples de viver dos colonos.

As famílias numerosas buscaram através da fotografia eternizar suas histórias e forma que tal ato proporciona na atualidade a possibilidade de conhecermos os “esquecidos” colonizadores e suas descentes através deste espaço preservado cuidadosamente pelos descentes de imigrantes integrantes da colônia Boa Esperança.

Fazendo parte desse conjunto, encontramos os Capitéis, que passaram a integrar o material de divulgação do roteiro, bem como fazer parte do circuito de espaços para visitaçã dos turistas, que se mostram curiosos diante dos capitéis observados nas margens das estradas que levam até as vinícolas.

Percorrendo as estradas que cortam a *Colônia de Boa Esperança*, encontramos os quatro capitéis, objeto central de nossa investigação. Os capitéis ou *as casinhas dos santos*, como são popularmente conhecidos, estão situados de forma destacada na margem das estradas através das quais os moradores passam cotidianamente e nos finais de semana circulam os turistas, que vem em busca das comidas típicas, do vinho produzido artesanalmente e das belezas naturais da região.

Nesse caminho, encontramos os capitéis, como lugares de religiosidade e de representação da identidade de seus moradores, descendentes de italianos. Pretendemos aqui analisar o contexto de produção e seus significados.

Tradicionalmente conhecido como *santo casamenteiro*, a construção do capitel de Santo Antônio, nada tem haver com a fama que o santo adquiriu no mundo. Construído em 1945 pela família de Celeste Boniatti, encontra-se às margens da estrada que liga a localidade de Boa Esperança a São Francisco de Paula. Teve sua arquitetura original em madeira, sendo posteriormente substituída por essa que observamos acima.

Figura 2 - Capitel Santo Antônio I



Fonte: Acervo dos Autores

De acordo com os depoimentos, o que teria motivado Celeste Boniatti a fazer o capitel, foi um forte temporal que destruiu a casa da família e outras casas da comunidade. Não havendo nenhum prejuízo à integridade física das pessoas de sua família e de outras pessoas da comunidade, o mesmo prometeu que após a reconstrução de sua casa, faria um capitel em devoção a Santo Antônio, para que o mesmo pudesse continuar protegendo a família.

No ato oficial de sua inauguração foi celebrada uma missa campal e festividades no local. Com o recurso das vendas e ofertas da festa, a comunidade comprou os bancos e as janelas da igreja da localidade. Anualmente no “dia de Santo Antônio”, em 13 de junho, moradores se reúnem no local onde hoje há um capitel de alvenaria, para celebrar a rezar o terço em devoção ao santo.

No seu interior encontramos um altar, no qual está a imagem de Santo Antônio, possivelmente a imagem original ainda do primeiro capitel construído no mesmo local do atual conforme já descrito anteriormente. Neste altar também estão depositadas as imagens de Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito e outras três imagens. Possivelmente estas imagens foram depositadas por pessoas que realizaram a promessa da doação de tais imagens para novas graças alcançadas. Ainda no altar estão um porta-retrato com a oração de Santa Bárbara, padroeira da localidade, alguns outros adornos religiosos e um terço em madeira sob a parede do capitel, revelando um visível sincretismo religioso.

A toalha que cobre o altar possui imagens relacionadas ao Sacramento da Comunhão, sendo o trigo, a uva e a vela pintados sobre o tecido. Tal adereço é substituído frequentemente pela família que está responsável pelos cuidados aquele espaço. A porta do

capitel é feita de ferro e possui vidros da parte superior que permite ver o interior do capitel. A porta fica aberta apenas em dias especiais ou quando solicitada a visitação.

No entorno do Capitel Santo Antônio estão uma plantação de *pinus*, algumas plantas de jardim e um gramado. O mesmo está identificado por uma placa de sinalização turística contendo o nome do santo homenageado naquele lugar.

Devotada pelos católicos como a *santa protetora das tempestades*, Santa Bárbara também foi homenageada com a construção de um capitel na localidade. Segundo a tradição oral da comunidade, após uma tempestade que destruiu lavouras e danificou casas da comunidade, as famílias de Ceverino Scalcon e Atilio Taufer uniram forças para realizar a construção em busca de proteção da santa. De acordo com esses relatos, desde a construção do capitel, nenhuma forte tempestade atingiu mais a comunidade, não causando mais prejuízos às lavouras e aos demais bens das famílias, que tem como principal fonte de renda o trabalho na produção agrícola com especialização em vinicultura.

Com o término da construção do capitel, por volta do ano de 1945 uma grande missa foi celebrada no local e durante alguns anos esse mesmo rito se repetiu, para marcar o aniversário de criação do capitel. Porém com o passar do tempo e a morte dos seus idealizadores, a tradição “foi se perdendo”. Nos últimos anos, têm sido realizada somente a reza do terço com “ofertas” e não mais a missa tradicional. O local passa constantemente por manutenções, que são realizadas pelos próprios moradores, garantindo assim sua conservação.

O Capitel Santa Barbara está localizado às margens da estrada que dá acesso à localidade de Morro Grande, próximo ao Morro da Asa Delta, um dos principais pontos turísticos do município, devido às suas belezas naturais e a prática do vôo livre. O capitel possui características arquitetônicas estilo colonial. Seu espaço interno também é reduzido, não permitindo a entrada de várias pessoas simultaneamente.

No seu interior encontramos um altar, onde nos deparamos com a imagem de Santa Bárbara, disposta sobre um altar móvel decorado com tecidos, que é geralmente usado para as procissões realizadas na Colônia, onde moradores fazem uma espécie de caminhada com a Santa pelas estradas da localidade, em especial nos dias de celebrações religiosas no capitel.

No altar fixo ainda estão depositados um crucifixo, a imagem de São José e ainda algumas flores artificiais que decoram o cenário religioso. Em dias de festividades ou rezas de terço com a comunidade, são colocadas ainda sobre o altar flores naturais, cultivadas

pelos próprios moradores, que dessa forma prestam homenagem a santa, conferindo uma simbologia própria ao ritual.

Figura 3 - Capitel Santa Bárbara



Fonte: Acervo dos Autores

No capitel encontramos ainda uma tolha de tecido branco que cobre o altar e que têm ainda uma segunda toalha em plástico transparente para proteger o espaço da umidade e da sujeira da estrada. A porta é – assim como no capitel de Santo Antônio – feita de ferro e possui vidros da parte superior que permite ver o interior do capitel. A porta é aberta apenas em dias especiais ou quando solicitada para os cuidadores do capitel que moram nas proximidades do mesmo, ou então para visitação de grupos de turistas ou permanência na parte interna do mesmo para algum ritual religioso específico.

No entorno do Capitel Santa Barbara encontramos uma plantação de milho, árvores nativas e um espaço livre na parte da frente coberto por um gramado, que é periodicamente limpo pelos moradores próximos. O cuidado com a limpeza do local é, na percepção dos moradores devotos, uma manifestação de gratidão pelas graças alcançadas em razão da santa. Assim como os demais, o capitel possui placa de sinalização turística.

Também o *santo protetor dos animais e de algumas enfermidades* tem um capitel em sua devoção. Sua primeira construção em madeira foi feita por Domingos Bonniati por volta de 1950, segundo relato de sua filha Vitória Valandro. De acordo com as memórias de sua filha, Boniatti sofria há algum tempo, com feridas na perna, o que o impedia de realizar diversas atividades. Foi então que ao recorrer a São Roque e tendo lhe “prometido” um espaço de encontro e oração em suas terras, suas feridas foram “curadas”.

Ao cumprir sua promessa, Boniatti, familiares e a comunidade, compadecida com o fato ocorrido, celebram ali uma missa. Durante alguns anos, em 16 de agosto, dia em que é celebrado pela Igreja Católica o dia de São Roque, celebrava-se na comunidade uma missa em homenagem ao Santo. Nos dias atuais moradores da comunidade reúnem-se no final da tarde no dia de São Roque, para rezar o terço e – de forma particular alguns moradores – têm por hábito ir até o capitel para rezar o terço ou realizar o “pagamento” ou “cumprimento” de alguma promessa. De acordo com o depoimento de Vitória Valandro os rituais da comunidade passaram por um processo de ressignificação ao longo do tempo, uma vez que, segundo ela “Ali sempre rezávamos a missa, o terço e fazíamos festa, com churrasco e tudo, mas a mais de 30 anos não fizemos mais a festa. Celebramos a data de forma diferente, muitas famílias não trabalham neste dia e é feita a reza do terço.”

Na imagem apresentada abaixo, observamos que o capitel São Roque, possui características arquitetônicas neoclássicas. Seu espaço interno também é reduzido. A pintura interna e externa está um pouco danificada e o acesso ao interior se dá através de uma escada. Um aspecto que chama a atenção é que esse capitel é o único que apresenta uma cruz na estrutura externa superior, destacando com isso sua função religiosa.

Ainda no seu interior encontramos um altar, no qual o visitante pode contemplar a imagem de São Roque. Neste altar também estão depositadas as imagens de outros santos de devoção, deixados pelos visitantes e/ou religiosos frequentadores do local. A porta de entrada do oratório também é de ferro, a exemplo dos demais capitéis e possui vidros na parte superior e pequenas janelas laterais, permitindo visualizar o seu interior.

Segundo os moradores, a porta é aberta somente em dias especiais ou quando solicitada para visitação de turistas. A família Boniatti, idealizadora do oratório, delegou a responsabilidade de conservação do espaço a uma moradora próxima do capitel, bem como a administração e o investimento dos recursos arrecadados através de doações dos moradores e visitantes – que são utilizados para a manutenção do capitel.

No entorno do Capitel São Roque encontra-se vasta vegetação local – da qual se sobressai à imagem do capitel. O acesso ao local de oração encontra-se limpo e identificado por uma placa de sinalização turística contendo o nome do capitel.

Figura 4 - Capitel São Roque



Fonte: Acervo dos Autores

Seguindo pelos caminhos da Boa Esperança, encontramos na estrada que liga a comunidade ao Morro da Asa Delta – onde é realizada a prática do voo livre – o último capitel, que presta homenagem ao mesmo santo do primeiro capitel analisado, que é *Santo Antônio*. De acordo com os relatos dos moradores, este capitel foi construído por José A. Cambruzzi.

Segundo as memórias da comunidade, a construção foi motivada pelo fato de que muitos moradores da comunidade estavam “indo embora” e a capela de madeira que existia nas proximidades precisou ser desmanchada em função da ação do tempo e da falta de recursos para construção de um novo templo. Com isso, por iniciativa da família Cambruzzi, se deu a construção do capitel, como uma alternativa mais viável economicamente de se manter viva a presença da igreja na comunidade. No capitel de Santo Antônio não são realizadas atividades religiosas ou festivas, ficando o cuidado do espaço à cargo dos próprios moradores da localidade.

Notamos que o capitel Santo Antônio, é o que apresenta maior necessidade de preservação e revitalização. Seu espaço interno também é reduzido. A pintura interna e externa está um pouco danificada. Após sua construção o capitel recebeu algumas melhorias, como o revestimento de uma das paredes e do chão com piso cerâmico.

Figura 5 - Capitel Santo Antônio



Fonte: Acervo dos Autores

Em seu interior encontramos também um altar, no qual repousa a imagem de Santo Antônio. Neste altar também estão depositados ainda dois pequenos vasos de flores artificiais, que ornamentam o espaço de oração. A mescla de vegetação de *pinus* e mata nativa conferem ao capitel grande destaque, contrastando sua cor branca – ainda que apagada pela ação do tempo – com o verde escuro da vegetação. Assim como nos demais, a porta de entrada também é de ferro e possui vidros na parte superior. A porta não possui trancas e encontra-se sempre aberto. Chama-nos a atenção que os vidros estão quebrados e a fechadura da porta está danificada.

Ressaltamos que o capitel não possui um “cuidador” específico como os demais e está à margem da estrada de acesso ao lugar de onde se tem a mais bela vista do município, que é o Morro da Asa Delta, um dos principais pontos turísticos de Rolante. Diferente da realidade encontrada nos capitéis anteriores, o de Santo Antônio é aquele que recebe menos cuidados dos moradores próximos, que na maioria das vezes se dirigem às outras localidades da Boa Esperança para participar das atividades religiosas e festivas em torno dos capitéis.

A constituição da identidade dos moradores da Boa Esperança não está ligada somente à religião católica, mas também a outras práticas sociais, costumes, hábitos familiares e o próprio *fazer* das tradições, que por sua vez, são *preservadas, atualizadas e (re)passada* (CANDAU, 2012) de geração em geração, com diferentes elementos – como no caso dos capitéis, compreendidos nesse estudo como símbolos materiais da representação étnica e religiosa do grupo – e que assim constituem o processo de construção das suas memórias e de suas identidades.

Essa preocupação da comunidade, de manter viva uma memória dos antepassados que colonizaram a Boa Esperança e que foram os responsáveis pela construção dos capitéis, passa, obrigatoriamente por um processo de *atualização da memória* (CATROGA, 2011) na qual a herança deixada pelos antepassados é ressignificada pelas atuais gerações.

Essa atualização opera de forma que os ritos do passado são preservados, mas “atualizados” dentro do novo contexto social, no qual as tradições locais, como nesse caso a religiosidade trazida pelos imigrantes, são exaltadas pelo grupo, que procura reproduzir a cultura religiosa herdada, ainda que essa sofra constantemente as transformações do contexto atual.

Esses elementos podem ser observados nas falas dos atuais moradores da Boa Esperança, que manifestam sua preocupação com a preservação dos capitéis. Exemplo dessa manifestação encontramos no depoimento do filho de um de seus idealizadores, que afirma que “Hoje, cuido deste local, para não deixar cair o que meu pai construiu.” (Avelino Rossi) e também na afirmação da filha de outro idealizador que ressalta que “A tradição a gente não perdeu. Meu pai quem fez. Eram pessoas de muita fé e me passaram muita fé e hoje ajudamos a cuidar deste local.” (Informação verbal)

Na memória dos moradores os capitéis eram pontos de encontro da comunidade, onde além da missa eram realizadas festas anuais para arrecadar recursos para a igreja e outras obras da comunidade. Com isso, os capitéis realizavam também sua função social, uma vez que de acordo com nossa depoente “Fazíamos grandes festas, vinha toda a comunidade, tinha churrasco e muitas coisas, hoje não se faz mais isso.” (Informação verbal)

Ressalta-se que os capitéis são preservados por moradores da comunidade ou familiares dos “construtores” com o dinheiro arrecadado anualmente como oferta nas celebrações anuais realizadas em cada um dos capitéis da comunidade, no dia em que se celebra, na Igreja Católica, o santo que dá nome a cada capitel. Conforme a entrevistada “Algumas pessoas ficam responsáveis por cuidar e recebem algo por isso, em outros são os familiares de quem construiu que cuidam. O do meu pai - Capitel São Roque - pagamos uma outra pessoa para cuidar.” (Informação verbal)

Nesse contexto que analisamos, os capitéis são considerados um patrimônio cultural da comunidade. Nessa perspectiva, o *patrimônio* reflete a apropriação ou detenção de um bem, ou até mesmo a herança de alguém ou de algum povo (TOMAZ, 2010; LEMOS

JÚNIOR, 2011; RODRIGUES, 2006) pode, ainda representar um conjunto de bens materiais ou imateriais que resguardam memórias. Consideramos ainda que os *bens materiais* e *imateriais* são todos aqueles relacionados à memória, identidades e heranças de um povo ou nação e o patrimônio cultural material são todos aqueles que podem ser visto e tocado (FEITOSA, 2011). No caso dos capitéis, esse patrimônio pode ser compreendido através da sua *materialidade* e também de sua *imaterialidade*, produzindo diferentes significados para o grupo que os produziram assim como para aqueles que os contemplam, como no caso dos turistas.

A *manutenção do patrimônio* está alicerçada ainda na ideia de conservação e recuperação da memória (CHOAY, 2001), fator que permite aos grupos sociais, a manutenção da sua identidade individual ou coletiva. Assim, o “resguardo” de algum tipo de identidade ou de elementos simbólicos que estabelecem relações com esta identidade significa a manutenção de laços extemporâneos aos antepassados a um local, costumes e hábitos que demonstram quem são e de onde seus antepassados vieram e, principalmente, qual o legado deixado por estes.

Para os filhos e/ou familiares dos idealizadores dos capitéis da Boa Esperança, cuidar da conservação destes locais é, antes de tudo, manter viva a história e o desejo de entes que já partiram. Para os herdeiros desse patrimônio, “guardar e cuidar” da memória daqueles que tiveram sua vida alicerçada na fé e na crença de que aqueles locais de oração traziam importantes benefícios para a vida dos seus familiares e das demais famílias da comunidade.

A materialidade dos capitéis pode ser compreendida ainda como a representação das *Graças alcançadas*, como propõe nosso entrevistado Avelino Rossi, que afirma “Hoje, cuido deste local, para não deixar cair o que meu pai construiu [...] Como Santa Bárbara é protetora das tempestades, depois que foi construído o capitel para ela, nunca mais a gente teve grandes tempestades com prejuízos para nós.” (Informação verbal) Para a comunidade essa é, ainda uma forma de reverenciar a religiosidade e a tradição herdada da distante, mas nunca esquecida “terra mãe”, a Itália.

Tendo a religiosidade como um *traço identitário* (HALL, 2014) transmitido ao longo das gerações, Luiza Boneto, uma das moradoras da comunidade relata que seu marido sofria de uma grave doença e que necessitava de cirurgia médica. De acordo com suas palavras “foi então que prometi a São Roque que iria rezar um terço em sua devoção e iria de “a pé” da minha casa até a capelinha, se meu marido fosse curado e não precisasse

passar pela cirurgia, e deu certo [...] eu sempre tive fé” (Informação verbal). Nesse relato percebemos a importância desempenhada pelo capitel, que passa a ser compreendido pelos moradores como espaço de reza, de agradecimento pelas graças alcançadas e também de peregrinação.

Ainda, de acordo com os moradores, muitos mantêm o *costume* (THOMPSON, 2013) – herdado de seus antepassados – de visitar os capitéis e fazer suas orações, como afirma Marlei Boneto Prezi, moradora da Boa Esperança: “Eu sempre vou rezar o terço, principalmente quando é o dia de cada um dos santos. Quando estamos trabalhando e não dá tempo de ir naquele dia, vou no outro dia, mas não deixo de ir” (Informação verbal).

Observamos que os capitéis possuem diferentes significados entorno da sua construção e das práticas cotidianas de religiosidade e/ou sociabilidade, realizadas neste contexto. Estando na sua maioria o *fazer das promessas* voltado ao desejo e a necessidade de determinado indivíduo, há uma solidariedade a ser observada de forma intrínseca nas relações que se estabelecem em torno das “casinhas dos santos.”

A realização de práticas sociais – *como a missa e as festas* – em um espaço que agrega manifestações individuais de fé e religiosidade, elenca uma série de relações estabelecidas neste ambiente que tem como fator motivador inicial a devoção ou a prática religiosa a um determinado santo. A promessa, a construção do capitel e o cuidado com sua preservação e manutenção, a reza do terço, das novenas e missas, são diferentes atos realizados a partir da individualidade para a coletividade, mas que procuram, acima de tudo, “fazer reviver” as práticas herdadas de seus antepassados, os imigrante italianos, dando com isso também um sentido de identidade étnica para o grupo (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). Assim as práticas religiosas não se restringiam apenas às relações diretas entre o sujeito e o santo de devoção ou com Deus, mas perpassava o espaço da individualidade para o das *práticas coletivas*.

A partir da realização de atos coletivos de manifestação da fé, foram sendo construídas novas práticas sociais (BOURDIEU, 2001), como as festividades, acompanhadas de música, danças, comidas e bebidas típicas herdadas dos imigrantes italianos. Essas manifestações acabaram contribuindo para a *afirmação e a atualização* de uma identidade religiosa e étnica dos moradores da colônia italiana da Boa Esperança.

Considerações finais

A construção dos capitéis, embora apresente em sua historicidade características particulares que identificam cada um dos oratórios, está cercada de elementos simbólicos coletivos – *que se manifestam através das imagens* – como as tradições transmitidas pela primeira geração dos imigrantes italianos chegados na Boa Esperança.

Essa geração construiu monumentos que marcaram de forma *material e imagética* sua religiosidade e suas crenças. Este estudo possibilitou identificar elementos que estabelecem ligações com a primeira leva de imigrantes italianos que se instalaram em terras rolantenses. Este patrimônio da comunidade e do município apresenta grande importância, não só como um local de oração, de conforto espiritual, mas também como local de agregação social entre esses imigrantes, preservação e (re)elaboração de memórias e de um importante legado cultural desta comunidade, que remete a sua identidade coletiva.

Embora estejam estabelecidas na atualidade, as ligações entre o *espaço dos capitéis* e os *familiares de seus idealizadores* como forma de manter presente a história e o legado de entes que já partiram, acabam se perdendo com o passar do tempo. A minuciosidade de detalhes, as histórias particulares e a própria tradição inicialmente envolta nestas construções, muitas vezes, se perderam no tempo e acabaram sendo ressignificadas por aqueles que as herdaram.

Se por um lado a comunidade reconhece os capitéis como *seu* patrimônio, a maioria da população visitante tem sua historicidade ainda desconhecida. Os capitéis podem ser compreendidos como lugares potencializadores da difusão da história dos primeiros imigrantes italianos e de suas tradições, bem como daqueles que construíram e daqueles que preservam atualmente estes espaços. Através da preservação das “casinhas dos santos”, como popularmente são conhecidos os capitéis, se pode melhor conhecer os ritos e tradições ligados a estes *monumentos*, que expressam formas de *ser* e *sentir* da comunidade que os produziu.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org). **Memória e Patrimônio**. Ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, 316p.

BORGES, Maria Eliza Linhares (Org). **Inovações, coleções, museus**. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2011. 204p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322p.

CAMBRUZZI, Mara. R. G.; GEVEHR, Daniel Luciano. Práticas femininas: percepções e significados - mulheres em Boa Esperança, Rolante (RS), 2008. **Universo Acadêmico**. Revista Científica das Faculdades Integradas de Taquara, v. 2, p. 79-111, 2009.

CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2013. 385p.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. 219p.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como retolho do tempo: memória e fim do fim da história**. 2 ed. Coimbra: Almedina, 2011. 317p.

CHAGAS, Gisele Fonseca. Identidades religiosas e fronteiras étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do rio de janeiro. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, pp. 152-176, 2009.

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org). **Memória e Patrimônio**. Ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 136-167, 2009, 316p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. 282p.

FEITOSA, Mônica Nascimento; SILVA, Sandra Siqueira da. Patrimônio Cultural imaterial e políticas públicas: os saberes da culinária regional como fator de desenvolvimento local. **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador: UFBA, p. 193-208, 2011.

FOCHESATTO, Iloni. **Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia, 1977.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org). **Memória e Patrimônio**. Ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p.25-40, 2009, 316p.

GUÉRIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. **Mana**. Vol.14, n.2, pp. 367-398, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004. 197p.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.103-133.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE**. Disponível em:



<<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso de 09. mai. 2014 a 22 mai. 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. 541p.

LE MOS JÚNIOR, Clésio Barbosa. Patrimônio Cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. **IX Semana Nacional de Museus**, Minas Gerais, v. 2, n. 1, pp. 50-61, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002. 393p.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. 250p.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. 535p.

RODRIGUES, Cíntia Nigro. **Territórios do patrimônio: tombamentos e participação social na cidade de São Paulo**. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2006.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 26, n. 77. p.47-62, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 133p.

SHIEROLT, José Alfredo. **Rolante, rio que gera a história**: homenagem pelos 50 anos do município. Rolante: J.A.S/Câmara Municipal de Vereadores, 2004.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 2013. 493p.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Revista de História e Estudo Culturais, São Paulo, v. 7, n. 2, p.1-12, maio/ago. 2010.